

A VISÃO DE FELICIDADE NO NOVO TESTAMENTO EVANGELHO DE MATEUS – AS BEM-AVENTURANÇAS

Aluno: Cláudia Nascimento de Oliveira
Orientador: Maria de Lourdes Corrêa Lima

Introdução

A pesquisa foi desenvolvida através da análise do evangelho de Mateus relacionado à felicidade. O aspecto principal foi considerar a mensagem encontrada no sermão da montanha como sendo atual diante do mundo em que vivemos.

Objetivos

O objetivo do trabalho é, através da exegese de um trecho do evangelho de Mateus, considerar que as Bem-aventuranças são um anúncio de felicidade.

Metodologia

A primeira parte do trabalho foi realizada a partir da análise da palavra bem-aventurança. Com esse termo descreve-se a obtenção e posse, da parte do homem, de um estado de felicidade definitivo e total. Na realidade, a bem-aventurança é o próprio Deus participado pelo homem, quer de maneira parcial através dos dons terrenos concedidos às criaturas quer de forma complexa através da comunhão de vida com ele no além. O NT proclama bem-aventurados todos aqueles que de alguma maneira participam já, através de Cristo, dessa vida divina.

A segunda parte foi realizada através da análise de um trecho do evangelho de Mateus. A exegese de Mt 5, 1-12 nos permite perceber que a versão de Mateus, sua orientação pastoral o leva diretamente às conseqüências que as bem-aventuranças devem provocar na vida cristã. Pouco importam as condições da existência: a única coisa que importa é a fidelidade às exigências da “justiça” superior anunciada pelo Evangelho. O ensinamento da bem-aventurança vale para todos os homens, tanto para os cristãos como para os outros. A Boa Nova proclamada por Jesus deve transformar a existência dos que a recebem. As bem-aventuranças tem sentido cristológico, pois, podemos notar, a profunda harmonia do programa de vida delas com os traços do comportamento de Jesus. As exigências que as bem-aventuranças apresentam aos discípulos são as mesmas da vida e do exemplo do seu Mestre, “manso e humilde de coração”.

A terceira parte foi realizada traçando um paralelo entre a mensagem das bem-aventuranças e a busca pela felicidade.

Mt 5, 1-12

1 Vendo ele as multidões, subiu à montanha. Ao sentar-se, aproximaram-se dele os seus discípulos. 2 E pôs-se a falar e os ensinava, dizendo:

*3 “Felizes os pobres no espírito,
porque deles é o Reino dos Céus.*

*4 Felizes os mansos
porque herdarão a terra.*

5 Felizes os aflitos,
porque serão consolados.
6 Felizes os que têm fome
e sede de justiça,
porque serão saciados.
7 Felizes os misericordiosos,
porque alcançaram misericórdia.
8 Felizes os puros no coração,
porque verão a Deus.
9 Felizes os que promovem a paz.
porque serão chamados filhos de Deus.
10 Felizes os que são perseguidos
por causa da justiça,
porque deles é o Reino dos Céus.
11 Felizes sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo,
disserem todo o mal contra vós por causa de mim. 12 Alegrai-vos e
regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi
assim que perseguíramos profetas, que vieram antes de vós.

O termo bem-aventurança descreve a obtenção e posse, da parte do homem, de um estado de felicidade definitivo e total. Na realidade, a bem-aventurança é o próprio Deus participado pelo homem, quer de maneira parcial através dos dons terrenos concedidos às criaturas, quer de forma complexa através da comunhão de vida com ele. O NT proclama bem-aventurados todos aqueles que de alguma maneira participam, já através de Cristo, dessa vida divina.

Jesus começa o seu discurso inaugural por uma proclamação de felicidade. Ao fazê-lo retoma por sua vez as promessas de felicidade ligadas à Lei de Moisés e as proclamações de felicidade que os Salmos de Davi prometem aos que a observem e põem em Iavé a sua esperança, a qual se inscreve em definitivo na grande esperança messiânica do Salvador e do Redentor capaz de absolver Israel dos seus pecados.

Ao pronunciar as primeiras palavras de seu discurso devia ter nascido a esperança, em breve transformada em certeza, de que acabava de se realizar a Lei, de que Moisés fora o legislador, e os profetas, de que David foi o tipo, anunciando à multidão que o escutava a realização das bênçãos messiânicas prometidas à descendência de Abraão: “*Em ti serão abençoadas todas as nações da terra*” (Gen., 12, 3).

Para bem o compreender é necessário ver as três primeiras bem-aventuranças à luz de um oráculo messiânico que o próprio Cristo dirá realizado na sua pessoa. Trata-se de Is., 61, 1-2:

“*O espírito do Senhor está sobre mim, porque Iavé me ungiu. Envia-me a levar a boa-nova aos pobres, a curar os corações feridos ... a consolar os aflitos.*”

As bem-aventuranças estão longe de ser verificações intemporais, estão intrinsecamente ligadas ao fato ligadas ao fato da inauguração do Reino messiânico por Jesus Cristo. Não diz, como se tratasse de máximas sapienciais: “os pobres, os humildes, os que choram”, pois seria uma contradição evidente da experiência humana. Se agora eles são felizes é porque Jesus se encontra presente e com Ele o Reino messiânico: “*porque deles é o Reino dos Céus*”

Nota-se que esta frase está no presente enquanto as outras bem-aventuranças utilizam o futuro. É para dar um lugar à parte à primeira bem-aventurança, devido à sua singular importância, como veremos depois. Mas é também para insistir no fato de que estando Jesus presente os pobres possuem o Reino.

Vimos acima que as bem-aventuranças se repartem em dois grupos, formando as três primeiras um conjunto distinto das outras cinco, circunscritas pela repetição da palavra “justiça” nos versículos 6 e 10. Chamamos a estas últimas as bem-aventuranças da justiça. Quanto às três primeiras, a luz projetada por Is 61, 1-2, inclina-nos a tomá-las como caracterizado a vinda do Reino messiânico, pois “pobres” e “humildes” são quase sinônimos, e “os que choram” já vem no texto citado de Isaías. Podemos pois designá-las por bem-aventuranças do Reino.

A última bem-aventurança de cada grupo descreve uma atitude passiva: aflitos e perseguidos. As duas primeiras bem-aventuranças descrevem, a primeira uma atitude análoga para com o próximo. Esta dupla orientação encontra-se também no segundo grupo, em que a quinta bem-aventurança dirige para o próximo uma atitude que a quarta descreve referida a Deus e a sétima completa igualmente a sexta. Eis um quadro que procura resumir tudo isto:

a) Bem-aventurança do Reino:

I.	pobres (em relação a Deus)	}	bem-aventuranças ativas
II.	humildes (em relação ao próximo)		
III.	os que choram		bem-aventurança passiva

*“Felizes os pobres no espírito,
porque deles é o Reino dos Céus”*

Crê-se geralmente que a notação “no espírito” foi acrescentada por Mateus. Foi a preocupação catequética de evitar que os seus destinatários identificassem os pobres com uma categoria social que o levou a esta precisão. O acréscimo nada mais faz que explicitar a palavra do Senhor.. Seria um grave equívoco se, no contexto do Sermão da montanha e mesmo no do Antigo Testamento, restringisse o sentido do termo para o aplicar exclusivamente a uma categoria social. A palavra enriqueceu-se, espiritualizou-se e designa uma atitude de alma feita de dependência em relação a Deus, de acolhimento à sua ajuda, de desconfiança de si e de confiança em Deus.

*“Felizes os humildes
porque não de possuir a Terra como herança”*

Há uma íntima relação entre a bem-aventurança dos pobres e dos humildes. Ambas as palavras são tradução de duas palavras hebraicas com a mesma raiz. Chegou mesmo a pensar-se que a segunda bem-aventurança não era nem mais nem menos que uma glosa da primeira, tirada, salvo a palavra *felizes*, do Salmo 37, 11: *“os humildes possuirão a terra”*. Deve contudo manter-se a bem-aventurança dos humildes no texto de Mateus. Descreve-se a mesma atitude que a primeira mas desta vez em relação ao próximo. A analogia desta segunda bem-aventurança com a quinta e a sétima é muito esclarecedora, neste ponto.

É claro que, para os leitores de Mateus, esta terra prometida é o símbolo do Reino messiânico e escatológico, ou de preferência, do que o Apocalipse chamará a terra nova.

*“Felizes os que choram
porque serão consolados”*

Se é verdade que as três primeiras bem-aventuranças estão muito ligadas e, se por outro lado, só é possível compreendê-las, como dissemos, na perspectiva de Cristo e da vinda do Reino, segue-se que nem todos os que choram são proclamados felizes mas só aqueles que o são por causa de Cristo e da vinda do Reino e, mais especificamente porque têm uma alma de pobre e são humildes em relação ao próximo. Nem todas as lágrimas dão direito a esta bem-aventurança, porque há lágrimas de cólera, de revolta contra Deus e contra a sociedade. Os que choram são felizes na medida da sua fidelidade ao espírito das bem-aventuranças e especialmente das duas primeiras.

b) Bem-aventuranças da justiça:

IV.	os que têm fome e sede de justiça (para com Deus)	}	Bem-aventuranças ativas
V.	os misericordiosos (para com o próximo)		
VI.	os corações puros (para com Deus)		
VII.	os obreiros da paz (para com o próximo)		
VIII.	os perseguidos pela justiça		bem-aventuranças passivas

Importa antes da mais precisar o sentido da palavra justiça aqui empregada. A linguagem corrente não é a mesma da Bíblia. Para nós esta palavra tem essencialmente um significado social, não evoca a ordem das nossas relações com Deus. E não poderia ser de outra maneira num mundo em que Deus está ausente. Para o Antigo Testamento o homem justo é o que conforma a sua conduta com a Lei de Moisés e a justiça de que se fala é a perfeição moral.

A quarta bem-aventurança proclama os que têm fome e sede de justiça, o que quer dizer que esta justiça não está na nossa posse, pois só se deseja aquilo que não se tem. Inclui implicitamente que esta justiça, diferentemente da dos escribas e fariseus, não pode o homem atingi-la pelas suas próprias forças. S. Paulo vai por em evidência ao mostrar que esta justiça ou justificação é dada por graça, que é demasiado alta para ser atingida pelas simples forças humanas, pecadoras sem a graça, justiça que não pode ser merecida mas só recebida pela fé.

Jesus devia ter dito: *“Felizes os que têm fome e sede”*. Foi sem dúvida Mateus quem acrescentou “de justiça” para defender contra qualquer interpretação errônea o pensamento do mestre, como na primeira bem-aventurança.

É pois para Deus que esta bem-aventurança nos dirige.

*“Felizes os misericordiosos
porque hão de alcançar misericórdia”*

A quinta bem-aventurança, ao contrário, orienta-nos para o próximo. De resto completa maravilhosamente a anterior. O ardor em procurar a justiça ou a perfeição como objetivo apontado pela quarta beatitude poderá levar, se for mal compreendido, a uma certa severidade para com os defeitos do próximo. Os puros são muitas vezes duros. É exatamente contra este perigo que a quinta bem-aventurança nos põe em guarda ao pedir aos discípulos de Jesus misericórdia para com o próximo.

*“Felizes os limpos de coração
porque hão de ver a Deus”*

Para nós o coração é a sede dos sentimentos. O semita prefere empregar a expressão “as entranhas” para designar a sede da vida afetiva e dos sentimentos em geral, enquanto que o coração é mais a sede dos pensamentos, o princípio de auto-determinação da pessoa, o princípio motor de toda a vida ética.

Quanto ao adjetivo “puro” não está aqui especialmente em causa a virtude da castidade. A pureza pode ter este sentido na espiritualidade moderna mas para os judeo-cristãos aos quais Mateus se dirige esta palavra tem um significado mais teológico que moral. É Deus que é o seu objeto, como demonstra a segunda parte da bem-aventurança: *“porque hão de ver Deus”*.

*“Felizes os obreiros da paz,
porque hão de chamar-se filhos de Deus”*

Novo exemplo do ritmo binário em que o primeiro elemento descreve uma atitude para com Deus e o segundo uma atitude para com o próximo. A pureza de coração era uma atenção inteligente e amorosa à vontade de Deus; a bem-aventurança dos obreiros da paz, que a segue, convida a por em prática esta vontade de Deus no domínio das nossas relações com o próximo.

*“Felizes os perseguidos por causa da justiça,
porque deles é o Reino dos Céus”*

Esta justiça é evidentemente a mesma que na quarta bem-aventurança. Porque se opõe ao espírito do mundo pagão trará consigo infalivelmente a perseguição. Esta será inevitável se permanecerem até ao fim fiéis ao espírito das bem-aventuranças.

Notemos a importância decisiva desta última bem-aventurança. Pode-se ser pobre, humilde, chorar, ter fome de justiça, ser misericordioso, puro de coração e obreiro da paz e ao mesmo tempo fraquejar no momento da perseguição. Quem aceitar ser perseguido por causa da justiça, ou seja, quem não renegar nesse momento o espírito que o tinha animado até então, esse terá merecido ser proclamado feliz. Vê-se facilmente como esta última bem-aventurança é como que a perfeição das outras sete e as engloba a todas. A forma paradoxal das bem-aventuranças, que opõe tão nitidamente o espírito de Cristo ao espírito do mundo, ao mostrar que Jesus tem por felizes aqueles a quem o mundo considera infelizes, atinge aqui o seu ponto culminante.

Os versículos 11 e 12 fazem a transição entre a idéia expressa na oitava bem-aventurança e a idéia do crescimento universal dos versículos 13-16. A oitava bem-aventurança enunciou um princípio geral: “Felizes os perseguidos por causa da justiça”. Agora faz-se a aplicação aos discípulos e passa-se à segunda pessoa: “Felizes sereis..” e ao mesmo tempo o texto enuncia que de fato os discípulos serão perseguidos. Note-se a passagem da expressão por causa da justiça (v. 9) a uma, muito mais concreta, do versículo 11, “por causa de mim”. Se as perseguições são um sinal da autenticidade do testemunho e da pertença dos discípulos ao seu mestre, o Cristo crucificado, segue-se que estes serão inundados de alegria no meio das piores perseguições. É isso mesmo que os Apóstolos são os primeiros a experimentar. Estas perseguições são a condição do crescimento do Reino.

Eficácia da prática do ideal das bem-aventuranças

- a) em qualidade: os discípulos são o sal da terra: devem por isso, pelo testemunho que hão de dar, penetrar o mundo – a terra – do espírito das bem-aventuranças. Se o sal se torna insípido para nada mais serve a não ser para ser lançado à rua como se fazia no Oriente com todas as coisas inúteis de que alguém se queria desembaraçar.

- b) em extensão: estamos diante de suas comparações imbricadas uma na outra: a luz e a cidade colocada no cimo de um monte. Não se pode deixar as ver. Se forem fiéis ao espírito das bem-aventuranças os discípulos darão um testemunho que não poderá passar despercebido. Trata-se da luz do exemplo não da doutrina, pois ainda não se falou de pregar o evangelho mas só de viver segundo o espírito das bem-aventuranças.
- c) Em glória dada ao Pai que está nos céus: não se deve agir para se ser visto pelos homens, mas o resultado de uma vida de acordo com as bem-aventuranças será a glória de Deus.

Jesus, doutor da lei

Jesus não teria feito mais do que especificar para seus discípulos as exigências do judaísmo, como o talmude fará mais tarde para os judeus. Por uma moral de obediência à Lei, ele enalteceria a justiça segundo as obras. E se isto nos parece irrealizável, pelo menos ele nos convidaria a experimentarmos.

Jesus, o mestre do impossível

Outros pensaram que Jesus propõe aqui voluntariamente uma lei impraticável para o homem. Este, colocado assim diante de sua misericórdia e de sua impotência, impelindo ao desespero, descobriria que não há salvação a não ser pela graça de Deus.

Jesus, pregador do fim iminente

Pensando que o fim dos tempos estava muito próximo, Jesus nos daria com este sermão, uma “lei de exceção para tempos de crise”.

Nos momentos de crise, aceitamos sacrifícios impossíveis em outras épocas. Um homem cujo pé ficasse preso em seu carro em chamas não hesitaria em permitir que o pé lhe fosse amputado para que sua vida fosse salva. Mas nada disso se vê nesse discurso: Jesus não quer provocar angústia, anunciando um fim iminente do mundo; o que ele quer é ver-nos viver, cada dia, segundo a vontade do Pai.

Essas diferentes interpretações esquecem de um fato importante: “Alguma coisa” deve ter precedido esta pregação, que não pode ter sido a primeira.

Alguma coisa que precedeu

Os primeiros cristãos distinguiam o “querigma” da “catequese”. O querigma ou grito do arauto que traz uma notícia é o primeiro anúncio da mensagem. Depois da adesão dos ouvintes, a catequese vem aperfeiçoar sua instrução.

É Bem evidente que esse discurso não é querigma; ele é antes uma espécie de catequese para os novos convertidos “que foram atingidos pela mensagem do Cristo e pela pregação da Igreja, uma espécie de programa que lhes mostra o que deve ser a sua vida daí por diante”. Esse discurso foi precedido pela pregação do Reino e pela resposta dos discípulos.

Mensagem das bem-aventuranças

A pesquisa realizada nos fez chegar a seguinte conclusão: as bem-aventuranças de Jesus chegaram até nós por intermédio de Mateus e Lucas, em duas formas bastante diferentes. Há contudo, um fundo comum às duas versões, e elas têm a mesma função: servir de início a um discurso-programa que tem, também, um fundo comum e diferenças consideráveis com seu paralelo.

1. As bem-aventuranças antes dos evangelhos

O fundo comum devia permitir que, retrocedendo, ultrapassássemos as redações definitivas e nos aproximássemos o mais possível do ponto de partida, do qual os textos atuais constituem a etapa final..

a) “*Bem-aventurados os pobres...*”

porque Deus vem instaurar seu Reino que restabelecerá a justiça e dará a felicidade aos que estão privados dela, cristãos ou não.

Isso era coisa fácil no tocante às três primeiras bem-aventuranças: dos pobres, dos aflitos e dos famintos. Recolocadas no contexto histórico do mistério de Jesus, elas aparecem como uma expressão da sua mensagem central: “O Reino de Deus está próximo!”. Para compreendermos bem o significado dessa Boa Nova, devemos nos lembrar das ressonâncias da ideologia monárquica tradicional na esperança na esperança do Reino de Deus: como Rei justo e misericordioso. Deus se obriga a fazer triunfar o direito o direito legítimo dos infelizes e dos oprimidos. A vinda próxima do Reino de Deus se apresenta assim como uma boa nova, especialmente para os que, na situação atual, são os deserdados.

As bem-aventuranças nos dizem quem é DEUS: ele não é neutro, mas está do lado dos obras.

Essa boa nova anunciada aos pobres assume assim seu verdadeiro sentido em função de um pressuposto “*teológico*”. Está em jogo uma certa concepção de Deus e de seu Reino. Não há dúvida que Deus é o criador de todos os homens. Ricos e pobres, poderosos e fracos, opressores e oprimidos, todos são seus filhos. Mas Deus não é neutro. Em plena conformidade com sua misericórdia com sua misericórdia compassiva, sua justiça “*real*” toma partido ao lado dos pequenos, dos humildes, dos fracos, dos que são pisados. No seu Reino, os pobres só podem ser os privilegiados, e isso por causa do modo como ele quer exercer seu poder real. Deus se obriga a proteger e defender os que não estão em condições de se defenderem por si mesmos. É inútil atribuir-lhes virtudes para justificar a predileção que Deus tem por eles. É em Deus que ela tem sua justificação.

As bem-aventuranças nos dizem qual é a função de JESUS: é por meio dele que Deus inaugura seu reino.

A boa nova anunciada aos pobres tem também um sentido “*crisológico*”. Ela esclarece o sentido que Jesus atribui à sua missão terrestre: primeiro ato da intervenção de Deus, preparando a vinda do seu Reino. A vinda de Jesus entre os homens atesta a decisão tomada por Deus; Ela constitui já uma primeira fase do Reino, uma primeira forma de sua presença: “Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então é porque o Reino De Deus já chegou a vós” (Mt 12,28). O valor de sinal do ministério de Jesus se manifesta, é verdade, em sua pregação, mas antes de tudo e muito melhor em seu comportamento em relação a todos os deserdados da sociedade palestina do seu tempo: os pobres, é evidente, mas os doentes e os aleijados, os ignorantes e os pecadores. Em Jesus, Deus mostra aos homens com que espírito ele quer exercer sua realeza.

b) *“Perseguido por causa de Cristo”*

Aqui a felicidade é prometida aos crentes, à comunidade cristã na medida em que ela se une à ação de Cristo

O pressuposto cristológico das bem-aventuranças não podia deixar de chamar a atenção dos primeiros cristãos. O que estava implícito tende naturalmente a explicitar-se. A bem-aventurança dos perseguidos testemunha esta evolução: nela as vítimas da perseguição são declaradas felizes, não simplesmente por causa dos seus sofrimentos, que clamam pela intervenção da justiça divina, mas, de um modo mais preciso, porque sofrem por causa de Cristo: “por causa de mim” (Mt 5,11), “por causa do Filho do homem” (Lc 6,22). Inseridas em vários outros lugares dos evangelhos, essas especificações traduzem a tomada de consciência dos fiéis, que compreendem cada vez mais o papel de Cristo na realização da salvação. Paulo o explicou ainda mais fazendo da participação nos sofrimentos de Cristo o penhor da participação na glória de sua ressurreição. O motivo pelo qual se sofre assume assim uma importância essencial. Os sofrimentos suportados por causa de Cristo reforçam o vínculo de solidariedade que une os crentes àquele do qual eles esperam a salvação.

2) As bem-aventuranças de Lucas

As duas séries de bem-aventuranças se dirigem agora aos crentes que são pobres. A sua situação de miséria é normal: é o resultado de sua fidelidade a Jesus. Mas, quando morrerem. Deus mudará a situação.

A versão de Lucas reinterpreta o conjunto das bem-aventuranças na ótica dessa precisão cristológica. A última bem-aventurança não é mais a única a atrair seu olhar para os cristãos que são vítimas de maus tratos da parte dos homens; já as primeiras bem-aventuranças de Lucas não falam mais dos pobres em geral, mas se dirigem diretamente aos cristãos (“vós”) que são pobres, que têm fome, que choram. O que se quer é ajudá-los, encorajá-los, consolá-los na dura situação em que se encontram atualmente.

Seus sofrimentos terão uma compensação maravilhosa na sorte que os espera, não somente numa parusia que poderia demorar, mas logo depois de deixarem a vida presente. Que eles não tenham inveja dos que hoje são felizes, porque essa felicidade vai transformar-se logo em infelicidade. Agora os crentes são os mais lastimáveis de todos homens, mas a esperança que puseram em Cristo (cf. 1 Cor 15,19) faz deles os verdadeiros “felizes”.

3) As bem-aventuranças de Mateus

As bem-aventuranças são dirigidas a todos os homens, cristãos ou não, desde que pratiquem a “justiça”.

A versão de Mateus se coloca numa perspectiva totalmente diferente. A sua orientação pastoral o leva diretamente às conseqüências que as bem-aventuranças devem provocar na vida cristã. Pouco importam aqui as condições da existência da “justiça” superior anunciada pelo Evangelho. Importa pouco também o fato de alguém se dizer cristão e de pertencer à Igreja: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7, 21). As bem-aventuranças conservam, pois, o sentido geral que tinham em sua origem: seu ensinamento vale para todos os homens, tanto para os cristãos como para os outros. É verdade que a última só se aplica aos

crístãos: mas duas explicações corrigem qualquer interpretação abusiva: de nada valerá sofrer perseguição por causa de Cristo se essa perseguição não for suportada “por causa da justiça” (v.11).

Não se fala mais de pobreza material, mas de disposições do coração

A pobreza em si não constitui, portanto, um título de admissão ao Reino: constitui-o somente o fato de ser “pobre em espírito” e “manso” (5, 3-4). A fome física não tem nenhum privilégio; para agradar a Deus, é necessário ter “fome e sede de justiça” (v.6), da justiça que, mais exigente do que a dos escribas e dos fariseus (v. 20), equivale à própria “perfeição” (v. 48). Novos requisitos completam o retrato ao candidato ao Reino: exige-se dele a pureza do coração (v. 8) e sobretudo a prática da caridade no perdão e no exercício das obras de misericórdia (v. 7), na diligência em estabelecer a paz e a concórdia entre os homens (v. 9). Do início ao fim dessa lista, a entrada no Reino está assim ligada, no a condições economicas ou sociais, mas às disposições da alma, das quais procede uma conduta em conformidade co o ideal da “justiça” evangélica.

No há duvıda que há uma diferença entre o manifesto messiânico que as bem-aventuranças constituíram na origem e o programa de vida tirado delas pelo primeiro evangelho. Não nos parece que se possa censurar Mateus por ter atribuído às palavras de Jesus o valor de norma para a vida cristã. Reconhecemos que sua interpretação não esgota o alcance da Boa Nova deve transformar a existência dos que a recebem, as conseqüências e as aplicações que o evangelista acentua explicitam maravilhosamente a natureza da transformação sem a qual não poderia haver discípulo autêntico de Jesus.

Essas disposições do coração têm sua fonte em Jesus.

Seria, pois, inexato dizer que, em Mateus, as bem-aventuranças no têm significado cristológico. Percebemos bem a profunda harmonia do programa de vida das bem-aventuranças com os traços do comportamento de Jesus, para os quais Mateus se compraz em chamar a atenção. As exigências que as bem-aventuranças apresentam aos discípulos so, enfim, as mesmas da vida e do exemplo do seu Mestre, “manso e humilde de coração” (Mt 11, 29).

Conclusões

As bem-aventuranças que abrem o sermão da montanha falam de pessoas que são atualmente felizes. Talvez não se dem conta de sua felicidade, devendo ainda tomar consciência dela. Mas so felizes. As bem-aventuranças continuam a nos interpelar ainda hoje. Cristãos, sabeis que sois felizes? E se não o sois, elas vos obrigam a vos perguntardes por que. Jesus quer fazer de seus discípulos pessoas felizes; no imagina que alguém possa ser discípulo e não ser feliz. As pessoas felizes das quais Jesus fala são felizes agora por causa do futuro que se abre para elas.

A felicidade atual, da qual essas pessoas devem tomar consciência, não exclui a experiência do sofrimento, mas o que há de doloroso no presente é iluminado pelo que deve vir depois. Essas pessoas são felizes porque tem esperança.

Essa esperança não pode ser separada de uma realidade vivida no momento presente.

Enraizada no presente e aberta para o futuro do Reino de Deus, a felicidade da qual falam as bem-aventuranças tem tambem ligações num passado determinado: no momento em que foram outrora pronunciadas pela primeira vez, a pessoa daquele que as proclamou.

O futuro feliz que as bem-aventuranças prometem tornou-se realidade na pessoa de Jesus e tem nele a sua garantia.

Portadoras de uma mensagem teológica e cristológica, ensinamento que pede uma transformação de nosso modo de pensar e agir, as bem-aventuranças são primeiramente uma proclamação da felicidade.

Proclamação da felicidade, e não só promessa da felicidade. As bem-aventuranças declaram felizes aqueles dos quais elas falam. Os pobres, ou os pobres em espírito, são felizes; eles o são efetivamente no momento em que isto lhes é dito. O máximo que eles podem fazer é tomar conhecimento disso. As bem-aventuranças não são nem uma promessa nem um desejo, mas uma fórmula de felicitação.

Apesar disso, é evidente que a felicidade proclamada na primeira parte de cada bem-aventurança não se compreenderia sem a promessa enunciada na segunda parte. Considerada em si mesma, a situação presente dos pobres (ou dos pobres em espírito) não poderia ser chamada de feliz. Ela só aparece como tal se for considerada na relação que a liga a um futuro. A pobreza dos pobres, ou a humildade dos pobres em espírito, é portadora de futuro, penhor de felicidade futura. É por isso que ela mesma pode ser chamada feliz.

Apoiada em uma promessa, a religião das bem-aventuranças só pode ser uma religião de esperança. Mas o enraizamento da promessa numa situação atual preserva essa esperança da tentação de evadir-se do real. O presente tira seu sentido do futuro, do qual ele carrega a promessa. As aperturas e as exigências do momento presente são precisamente os pontos dos quais jorra a jubilosa esperança que transfigura a existência do crente.

Referências

- 1 - LANCELLOTTI, Ângelo.; ALVES, Ephraim Ferreira. Comentário ao Evangelho de São Mateus / Petrópolis: Vozes, 1980. 262p.
- 2 - TROADEC, Henri Joseph. Evangelho segundo S. Mateus – Lisboa: Sampedro, 1968.242p
- 3 - LEITURA do Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulinas, c/1982. 100p.
- 4 - O SERMÃO da montanha. Würzburg: Vida universal, 1994. 120p.
- 5 - RADERMAKERS, Jean. Au fil de l'évangile, selon Saint Matthieu – 2 ed. corr. – Bruxelles: Institut d'Etudes Theologiques 1974. 2v.
- 6 - LAGRANGE, Marie Joseph, Evangile selon Saint Matthieu – 7e. ed. – Paris: J Gabalda, 1948.
- 7 - DIDIER, M. L'Évangile selon Matthieu – Gembloux: J. Duculot, 1972. 428p.
- 8 - RIGAUX, Beda. Termoignage de l'Évangile de Matthieu – Bruges: Desclee de Brouwer, 1967. 307p.
- 9 – IL VANGELO DI MATTEO – Commentario Teologico Del Nuovo Testamento – Parte Prima – Commento di JOACHIM GNILKA – Paideia Editrice Brescia